

# O comércio retalhista como instrumento para a criação de uma identidade transfronteiriça<sup>1</sup>

## Retail trade as a tool to create a border identity

Miguel Castro

### Resumo

Desde sempre as localidades próximas das fronteiras estabeleceram relações entre as suas populações - familiares, de trabalho e, talvez as mais antigas, comerciais. Desde sempre o factor barreira, induzido pela fronteira, não representou obstáculo às relações entre povos. Dependendo da porosidade da fronteira, as relações podem tornar-se mais ou menos intensas, mais ou menos tranquilas, mas nunca nulas. O contrabando e o aproveitamento das vantagens comparativas entre dois países proporcionaram sempre contactos e uma alteridade que potencia a formação de uma identidade na população, que não deixando de ser nacional, é, simultaneamente, transfronteiriça.

No caso da fronteira interna da Península Ibérica, sempre se puderam verificar relações comerciais que, essencialmente após a adesão dos dois países à U. Europeia, e mais concretamente a partir de Schengen, se intensificaram, devido à diluição do efeito de barreira. No caso do polígono formado por Portalegre/Elvas/Badajoz/Valência de Alcântara verifica-se que o factor de maior aproximação entre as populações é o comércio a retalho e que este, directa ou indirectamente, influencia o crescimento e a expansão urbanos.

**Palavras-chave:** Fronteira; Comércio a retalho; Região de fronteira; Expansão urbana; Identidade fronteiriça

### Abstract

Border lands have always established relationships among their people - family, work, and perhaps the oldest, commercial affairs. The barrier factor- induced by the border control, has never represented an obstacle to relations amongst peoples. Depending on the porosity of the border, relations may be more or less intense, calmer or less calm but never inexistent. Smuggling and exploitation of comparative advantages between two countries have always provided contacts and an alterity that enhances the formation of an identity in the population, which despite being national, is a trans-frontier individuality, as well.

As far as the internal border of the Iberian Peninsula is concerned, commercial relations have always existed, essentially following the accession of the two countries to the European U., and more specifically from Schengen on, due to disappearance of the frontier. In the case of the polygon formed by Portalegre / Elvas / Badajoz / Valencia de Alcantara the retail is the factor which brings the populations closer to each other, which directly or indirectly, influence the urban growth and expansion.

**Keywords:** Frontier; Retail; Border Region; Urban sprawl; Border identity

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no III Seminário de I&DT, organizado pelo C3i – Centro Interdisciplinar de Investigação e Inovação do Instituto Politécnico de Portalegre, realizado nos dias 6 e 7 de Dezembro de 2012.

## 1 – As fronteiras e a actividade comercial

‘you may remove the door but the doorframe remains...’ (1)

As fronteiras são cicatrizes de uma história mais ou menos recente e são, também, convenções políticas estabelecidas entre grupos humanos. Principalmente a partir da Paz de Vestfália (1648) com o advento do Estado-nação e os princípios fundamentais da sua soberania, a fronteira constitui-se como uma linha de divisória política, que com maior ou menor porosidade constituía (e em larga maioria ainda constitui) uma barreira à livre circulação de pessoas, bens e serviços.

Estas barreiras dividiram regiões e em muitos casos povos; não obstante, as populações que habitam estas áreas mantiveram, e mantêm, relações de vária ordem. Mesmo que a fronteira trace limites entre culturas, línguas ou modos de vida, estas diferenças não são impeditivas do estabelecimento de relações entre populações, especialmente aquelas que estão muito próximas destas linhas de separação.

As relações podem ser mais ou menos intensas, dependendo do maior ou menor controlo, mas nunca são inexistentes. Principalmente a actividade comercial (de forma legal ou ilícita) está sempre presente nas regiões de fronteira. A passagem de bens de um lado para o outro da fronteira, aproveitando as vantagens comparativas ou a carência de bens num ou noutro país, está presente na vida das populações. O comércio e o contrabando (que é também uma forma de comércio) são, quanto a nós, a principal alavanca para o contacto com o *Outro* e que posteriormente permitem um alargar de relações que se vão, progressivamente, tornando mais estreitas.

O estreitamento de relações vai permitir uma fusão, mais ou menos amalgamada, que vai constituir e construir uma identidade das populações que habitam na fronteira, uma cultura, que não deixando de pertencer a cada um dos países, está cheia de hibridismos, que advêm do contacto entre culturas distintas.

Numa época em que as políticas europeias apontam para um processo de *debordering*, muitos autores (Odgers – 2001; Viktorova – 2003) continuam a pressupor que a identidade fronteiriça depende da existência da fronteira. É esta que estabelece a diferença e

potencia a alteridade. É o confronto com o *outro* que provoca a necessidade de conhecimento e induz a uma forma de estar própria das regiões fronteiriças.

Com maior ou menor diluição do efeito barreira, provocado pelo controlo alfandegário, o que se verifica é uma vivência característica nestas regiões. O comércio a retalho, pelo menos no caso da fronteira “seca” luso-espanhola (sem contacto com o oceano), é responsável pelos fluxos entre os habitantes que se situam perto da divisória política e condicionam o crescimento dos centros urbanos em direcção uns aos outros, podendo a longo prazo criar regiões de fronteira com identidade própria.

O que se está a verificar é uma aproximação do tecido urbano de Elvas/Badajoz/Campo Maior. Portalegre, embora polarizando a área a norte, pretende cada vez estar mais conectado com Badajoz. Esta realidade e os fluxos predominantes da população são essencialmente alavancados pela actividade do comércio a retalho e distribuição.

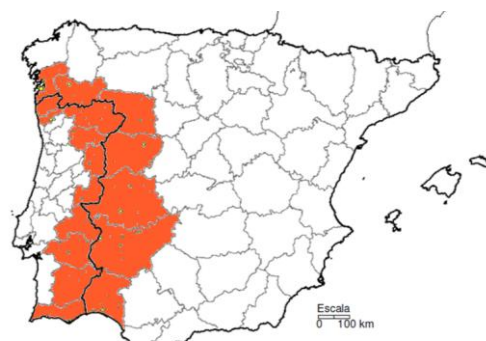
## 2 – A Fronteira Portugal - Espanha

Ao contrário da maioria das fronteiras internas da União Europeia, a fronteira luso-espanhola sempre foi caracterizada pelo despovoamento e por uma forte marginalidade face aos centros de poder e decisão Ibéricos, apresentando, face aos padrões médios de desenvolvimento de cada país, um forte afastamento.

Devido a esta posição marginal e periférica, tendemos a esquecer o espaço ocupado pelas regiões de fronteira (1234 km de extensão).

“Há na Península Ibérica uma grande zona (maior em extensão superficial que a Grécia ou a Checoslováquia, vez e meia a Áustria, três vezes maior que a Dinamarca ou a Suíça e quatro vezes a Holanda ou a Bélgica), formada por nove distritos portugueses e seis províncias espanholas (2)

A superfície ocupada pelas regiões da fronteira corresponde, segundo os dados de 2011, a uma área de 136 649 Km<sup>2</sup> (23,5% do total), onde residem perto de milhão e meio de pessoas, ou



Mapa 1 - Regiões de fronteira Luso Espanhola - Cartografia própria

seja, aproximadamente 2,6% da população da Península Ibérica.

A fronteira dos dois países foi sempre compável, tendo em conta os contextos nacionais. Apresentava valores estatísticos com afastamentos semelhantes relativamente às médias nacionais. Porém, convém estabelecer dois períodos de análise: antes da adesão à então C.E.E. e Pós-1986.

O primeiro período ficou conhecido como a “Fronteira do subdesenvolvimento”, descrita por Pintado e Barrenechea (3) de forma muito expressiva.

A demografia revelava o forte desinvestimento e realidade marginal destas regiões.

<b>Quadro 1 -População nos Distritos/Províncias Fronteiriços (1960/1970)</b>								
Distrito/Província						Densid. Pop.		Emigração Perda de pop. 60/70 (n° abs.)
	Censo 1960	Censo 1970	Perda de pop. (60/70)	Perda de Pop. % (60/70)	Superfície (Km²)	1960	1970	
<b>Portugal</b>								
Bragança	230206	176660	-53606	-23	6545	36	27	-81853
Vila Real	322649	264508	-58141	-18	4239	77	64	-106091
Viseu	477468	409753	-67715	-14	5019	96	81	-126461
Guarda	276470	212191	-64278	-22	5496	51	38	-86118
Castelo Branco	310745	261861	-58894	-19	6730	47	37	-82192
Portalegre	183841	145242	-38599	-21	5889	32	24	-49011
Évora	215186	176044	-38142	-18	7394	29	23	-56607
Beja	268911	202193	-66718	-25	10240	27	19	-105397
Faro	311302	266621	-44681	-14	5072	62	52	-59019
<b>Total Portugal</b>	<b>2596838</b>	<b>2105063</b>	<b>-491775</b>	<b>-18,9</b>	<b>56597</b>	<b>46</b>	<b>37</b>	<b>-833809</b>
<b>Espanha</b>								
Orense	451474	413733	-37741	-8	7278	62	57	-55579
Zamora	301129	251934	-49195	-16	10559	28,6	24	-66814
Salamanca	405729	371607	-34122	-8	12336	33	30	-71836
Cáceres	544407	457777	-86630	-16	19945	27,3	23	-144137
Badajoz	834370	687599	-146771	-17,5	21657	38,5	32	-233999
Huelva	399934	397683	-2251	-0,5	10085	39,7	39	-43976
<b>Total Espanha</b>	<b>2937048</b>	<b>2580333</b>	<b>-356710</b>	<b>-1,2</b>	<b>81860</b>	<b>36</b>	<b>31</b>	<b>-616341</b>
<b>Total Port./Esp.</b>	<b>5533731</b>	<b>4685396</b>	<b>-848485</b>	<b>-15,3</b>	<b>138457</b>	<b>39</b>	<b>34</b>	<b>-1450150</b>

Fonte INE Port/ESP

Nos indicadores de desenvolvimento e na conectividade, quer com as regiões espanholas, quer com o todo nacional, o quadro geral demonstrava, por um lado, a deficiente qualidade de vida e, por outro, a incapacidade de gerar ou atrair investimentos que pudessem sustentar um caminho para a modificação do tecido produtivo e, conseqüentemente, emprego e uma elevação consistente no bem-estar das populações.

Os esquemas da rede principal de estradas em Portugal e Espanha, na década de 70 revelam uma lógica interna de centralização em Madrid e Lisboa e uma marginalização das áreas de fronteira, sendo cortadas apenas por faixas de passagem.

No mapa de Portugal estão marcadas apenas as auto-estradas portuguesas existentes; no entanto, já estava em projecto, ou estudo, a conclusão da auto-estrada até Cascais (A 5), Porto - Famalicão, a actual Via do Infante e o troço Porto - Valença do Minho, não estando prevista, em 1970, qualquer ligação Lisboa-Madrid.

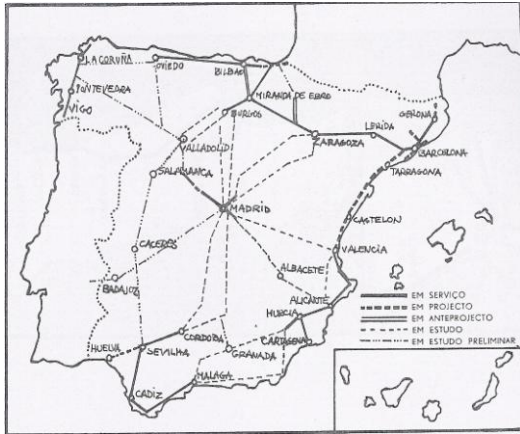
<b>Quadro 2 - Indicadores de Saúde – 1970 – Distritos/Províncias Fronteiriços</b>		
	<b>Mortalidade Infantil</b>	<b>Habitantes/Médico</b>
<b>Portugal</b>		
Bragança	69,8‰	2767
Vila Real	70,7‰	3323
Viseu	57,2‰	2731
Guarda	68,1‰	2040
Castelo Branco	47,8‰	2652
Portalegre	45,1‰	2151
Évora	42,8‰	2272
Beja	61,0‰	3125
Faro	48,7‰	2812
<b>Média Nacional - Portugal</b>	55,45‰	-
<b>Espanha</b>		
Orense	21,8‰	1236
Zamora	31,6‰	773
Salamanca	16,6‰	583
Cáceres	27,0‰	668
Badajoz	27,3‰	1081
Huelva	22,4‰	1184
<b>Média Nacional - Espanha</b>	16,5‰	-

Fonte INE Port/Esp

Também a rede ferroviária entre os dois países se pautava pela reduzida conectividade. Apenas existiam duas ligações principais e eficientes: Porto-Vigo e Lisboa-Madrid.

Com estas condições de mobilidade, a actividade económica estava reduzida e os contactos entre as populações fronteiriças eram condicionados pelos controlos alfandegários e pelos horários de funcionamento das fronteiras. Este obstáculo era um promotor de economias paralelas, muito dependentes do contrabando, mas não era suficiente para conduzir ao aparecimento e desenvolvimento de actividades económicas sustentáveis de modo a, no mínimo, fixar populações.

Mapa 2 - rede de autoestradas e viária principal - 1970 Portugal



Fonte: Brisa/Estradas de Portugal

Mapa 3 - rede de autoestradas e viária principal - 1970 Espanha



Fonte: Pintado e Barrenechea – Obra citada

A partir de 1986, a realidade das regiões de fronteira iniciou um processo de mudança à custa dos fundos comunitários e, desde 1990, devido ao grande impulso gerado pelo PIC INTERREG A. Este programa injectou muitos milhares de milhões de Euros nas regiões de fronteira dos dois países ibéricos. Nas primeiras fases, os projectos foram mais orientados para a construção de infra-estruturas pesadas, como foi o caso das ligações rodoviárias e acessibilidades internacionais e regionais. Nas últimas gerações deste programa, passou-se para projectos de carácter imaterial que pudessem dinamizar actores e populações locais; no entanto, continua a aposta em infra-estruturas de comunicações e outras que aumentem a coesão social e os indicadores de desenvolvimento.

Quadro 3 - População Portuguesa nas Regiões de Fronteira – 1991/2001/2011						
NUTS III	Pop. 1991	Pop. 2001	Pop. 2011	Varição 91/01 (%)	Varição 01/11 (%)	I. de Env. 2001
Minho-Lima	250059	250275	244836	0,1	-2,2	139,7
Cávado	353267	393063	410149	11,3	4,4	64,0
Douro	238695	221853	205902	-7,1	-7,2	133,2
Alto Trás-os-Montes	235241	223333	204381	-5,1	-8,5	177,5
B. I. Norte	118531	115325	104403	-2,7	-9,5	196,5
B.I. Sul	81015	78123	75026	-3,6	-4	234,1
Alto Alentejo	134607	127026	118352	-5,6	-6,8	200,1
Alentejo Central	173216	173646	166802	0,2	-3,9	169,7
Baixo Alentejo	143020	135105	126692	-5,5	-6,2	177,5
Algarve	341404	395218	451005	15,8	14,1	128,2
Total R. Front.	3345827	3394939	2107548	2,1	-37,9	162,0
Total Cont	9375926	9869343	10561614	5,3	7	107,8/131,3**

Fonte: INE (Port.)

<b>Quadro 4 - Cidades de fronteira consideradas – População residente - Espanha</b>				
Cidades/População	1991	2001	2010	Tendência
Vigo	276109	280186	297124	+
Pontevedra	75148	74942	81981	+
Verín	12271 (1996)	13246	14633	+
Zamora	68022	65226 (2000)	65.998	-
Ciudad Rodrigo	15324	13991	13.777	-
Plasencia	36826	37390	41.447	+
Cáceres	84319	82034	94.179	+
Badajoz	122225	133519	150376	+
Ayamonte	16891 (1990)	17084	20597	+
Huelva	144579	141334	149310	+

Fonte: INE. es

Como podemos constatar pelos quadros, a realidade demográfica alterou-se em números absolutos mas, em relação aos todos nacionais, continua a revelar um afastamento significativo. As regiões de fronteira de Espanha revelam alguma capacidade de recuperação de população, essencialmente na carga demográfica dos principais centros urbanos. No caso nacional, as regiões de fronteira perdem população, apenas com a excepção do Algarve e Cávado.

<b>Quadro 5 - Indicadores Nuts III – Regiões de Fronteira - Portugal</b>								
Área/Indicador	PIB/cap (2004)	Desvio ao PIB Nacional	Méd/1000 hab (2004)	Desvio à Média Nacional	% de Pop. no Ensino Sup.(2001)	Desvio à Média Nacional	T. de Actividade (2001)	Desvio à Média Nacional
Portugal	13636€	-	3,34	-	8,57	-	57,40	-
Minho/Lima	8443€	(-)38,4%	2,16	(-)1,18	5,35	(-)3,22	51,90	(-)5,5
Cávado	10509€	(-)28,9%	2,33	(-)1,10	7,26	(-)1,31	47,10	(-)10,30
Alto Trás-os-Montes	9095€	(-)33,3%	2,04	(-)1,3	5,75	(-)2,82	48,70	(-)8,7
Douro	8848€	(-)35,1€	1,67	(-)1,67	5,77	(-)2,8	50,00	(-)7,40
Beira Int. Norte	9330€	(-)31,6%	2,00	(-)1,34	6,14	(-)2,43	58,90	(+)1,50
Beira Int. Sul	11636€	(-)14,5%	2,56	(-)0,78	6,70	(-)1,87	46,80	(-)10,60
Alto Alentejo	12158€	(-)10,8%	2,62	(-)0,72	5,22	(-)3,35	57,00	(-)0,40
Alentejo Central	11820€	(-)13,3%	1,97	(-)1,37	6,55	(-)2,02	53,40	(-)4,0
Baixo Alentejo	11188€	(-)18%	1,70	(-)1,64	5,19	(-)3,38	63,90	(+)6,9
Algarve	14039€	(+)3%	2,69	(-)0,65	7,27	(-)1,30	52,30	(-)5,10

Fonte: INE e Medeiros (4)

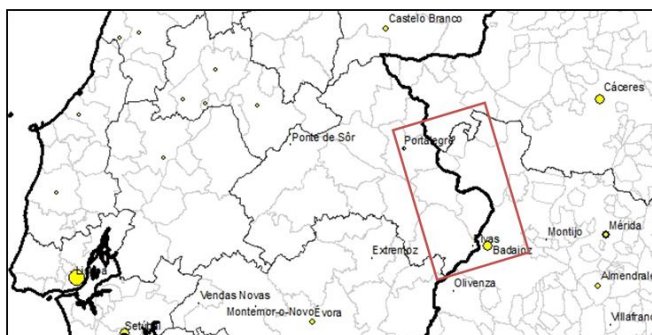
<b>Quadro 6 - Indicadores Nuts III – Províncias de Fronteira - Espanha</b>								
Área/Indicador	PIB/cap (2004)	Desvio à Média Nacional	Méd/1000 hab (2003)	Desvio à Média Nacional	% de Pop. no Ensino Sup.(2001)	Desvio à Média Nacional	T. de Actividade (2003)	Desvio à Média Nacional
Espanha	18233€	-	4,50	-	18,64	-	55,48	-
Pontevedra	14303€	(-)21,6%	3,78	(-)0,72	16,13	(-)2,51	54,39	(-)1,09
Orense	14047€	(-)23,0%	3,92	(-)0,58	14,13	(-)4,51	46,17	(-)8,31
Zamora	12868€	(-)29,4%	4,32	(-)0,18	8,25	(-)10,15	39,99	(-)15,49
Salamanca	15251€	(-)16,4%	6,09	(+)1,59	21,62	(+)2,98	50,24	(-)5,24
Cáceres	12673€	(-)30,5%	4,02	(-)0,48	13,35	(-)5,29	48,37	(-)7,11
Badajoz	11866€	(-)34,9%	4,07	(-)0,43	11,80	(-)6,84	51,14	(-)4,34
Huelva	14535€	(-)20,3%	3,59	(-)0,91	11,23	(-)7,41	53,23	(-)2,25

Fonte: INE.es e Medeiros (5)

Noutros aspectos que não os estritamente demográficos, podemos constatar o grande salto qualitativo em relação à década de 70; porém, os desvios às médias nacionais, continuam bastante relevantes, levando a concluir que as regiões da fronteira luso-espanhola continuam afastadas dos padrões nacionais, não obstante a evidente melhoria de nível de vida. Restaria averiguar se o desvio relativamente aos padrões se deve a uma marginalização por parte dos poderes políticos, ou a incapacidades regionais de seguirem uma orientação articulada em rede, quer com as regiões nacionais, quer encontrando novas centralidades com as regiões espanholas, tal como é recomendado no EDEC (6). Parece-nos existir responsabilidades aos dois níveis, o que põe em evidência a falta de articulação quer a nível interno de decisão política, quer a nível de cooperação transfronteiriça.

### 3 – O comércio retalhista no polígono Portalegre/Elvas – Valência de Alcântara/Badajoz

A área de fronteira que aqui analisamos tem uma longa história de relações comerciais entre as populações. Muita da actividade comercial esteve relacionada com o contrabando; no entanto, também a nível formal, os habitantes de um e de outro lado da fronteira sempre mantiveram relações, fundamentalmente comerciais, mas também de trabalho, familiares ou de amizade.



Mapa 4 - Localização da área em estudo

O comércio a retalho e a prática do contrabando foi sempre uma das primeiras formas de aproximação das populações raianas, sendo que as outras formas de relacionamento, se mantiveram (e mantêm)

residuais, como demonstram os estudos do OTEP (7), de José Pintor (8) e também a nossa pesquisa empírica. Nesta área, o contrabando teve um forte significado a dois níveis: o pequeno contrabando, que providenciava alguma melhoria e desafogo nas economias familiares; o contrabando a grande escala, fomentado por empresas e empresários, com um significado económico diferente. O caso de Campo Maior e dos cafés é emblemático deste último tipo de contrabando, como demonstra Luís Cunha (2006) (9).

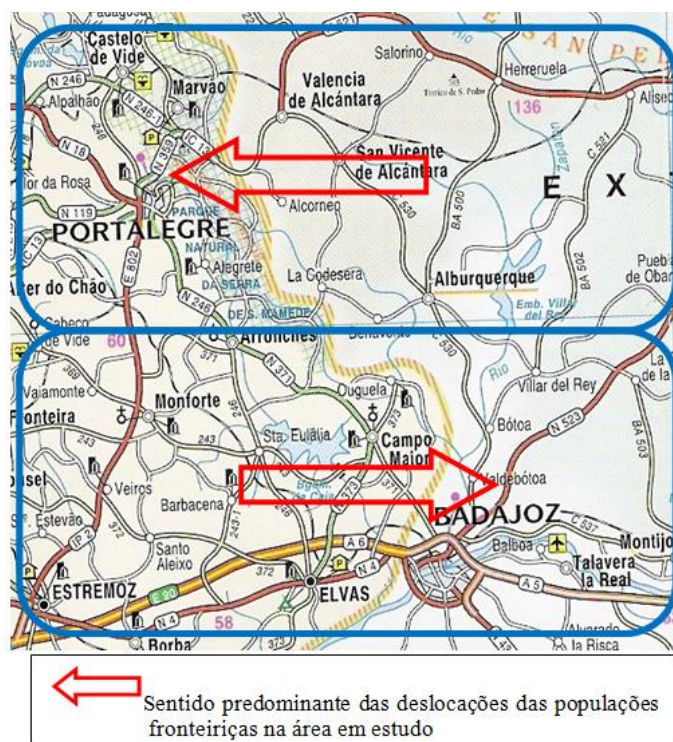


Para além desta actividade, as populações sempre cruzaram a fronteira em busca do que não existia, variedade e, essencialmente, das vantagens comparativas em termos de preços. Mais ou menos controlada, a fronteira interna da Península Ibérica sempre permitiu alguma porosidade, aproveitada pelas populações, que se reflectia nas economias locais com alguma importância. É esta vivência de trocas comerciais (que posteriormente potencia outras relações) que constrói uma forma de vida particular que se reflecte na criação de uma identidade de fronteira particular e única. Cada fronteira é uma realidade, que devido aos seus contextos particulares, dificilmente é passível de comparação.

Após a adesão à C.E.E., e particularmente a partir da entrada em vigor do acordo de Schengen, a actividade contrabandista perdeu o seu significado, pelo menos à escala local. As populações, no entanto, continuaram a atravessar a fronteira, principalmente para “fazer compras” com regularidade.

O que pudemos verificar na região em causa é o facto de existirem diferenças nos comportamentos das populações espanholas e portuguesas. Os Portugueses deslocam-se a Espanha, essencialmente a Badajoz, em busca de variedade, quantidade e raridade de bens. A diferença de preço, embora ainda seja significativa, verifica-se apenas em alguns produtos. O bem mais procurado, neste momento, é o combustível, mas também a moda e acessórios e alguns produtos de mercearia, disponíveis nas grandes superfícies espanholas. A principal motivação do fluxo dos portugueses para Badajoz é o comércio. No caso dos espanhóis que se deslocam a Portalegre e Elvas, as motivações são diferentes entre a área norte, de Albuquerque até Valência de Alcântara, e a área mais a sul, na área de influência de Badajoz.



Mapa 5 - Fluxos de população



No caso da parte norte desta região, devido à distância e acessibilidades a Badajoz, as populações espanholas, são, no que diz respeito a produtos de mercearia e artigos para o lar, polarizados por Portalegre, que apresenta uma quantidade significativa de grandes superfícies. Esta cidade, em termos de vestuário e acessórios, também exerce alguma atracção nas populações do outro lado da fronteira, não a partir do comércio da área central da cidade mas, essencialmente, devido ao mercado mensal que aqui se realiza.

As populações da restante área em causa, também se deslocam a Portugal (Elvas. Campo Maior ou Portalegre) essencialmente para um turismo de fronteira, onde o passeio familiar e a gastronomia são as principais motivações. Não obstante, o facto de se deslocarem a Portugal leva a que também façam compras no comércio das cidades portuguesas, essencialmente moda e acessórios.

Os resultados apresentados foram obtidos por uma amostra aleatória de 400 inquiridos, com uma margem de erro de 5%.

<b>Quadro 7 - CONSUMIDOR TIPO DO POLÍGONO PORTALEGRE/ELVAS – VALÊNCIA DE ALCÂNTARA/BADAJOZ</b>		
	<b>Traços Comuns</b>	<b>Traços diferenciadores</b>
<b>Português</b> 	<ul style="list-style-type: none"> <li>. Procuram o consumo</li> <li>. Frequência das deslocações mensal ou superior, independentemente da existência de controlo alfandegário</li> <li>. Procuram aproximação entre as populações</li> <li>. Comunicam com fluência mesmo com línguas-mãe diferentes</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>. <b>Procuram principalmente combustível mais barato</b></li> <li>. <b>Procuram a variedade de escolha</b></li> <li>. <b>Consumem mercearias, moda e acessórios</b></li> </ul>
<b>Espanhol</b> 	<ul style="list-style-type: none"> <li>. Mantêm boas relações de vizinhança</li> <li>. O preço dos bens e serviços é um factor de atractividade, motivador das deslocações</li> <li>. Não consideram as deslocações às localidades vizinhas como visita ao estrangeiro</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>. <b>Comportam-se como turistas/visitantes</b></li> <li>. <b>Procuram essencialmente restauração, atracções turísticas e lazer</b></li> <li>. <b>Consumem artigos de moda e acessórios, mas também mercearias</b></li> </ul>

#### **4 – A expansão urbana das áreas comerciais**

Sendo, na nossa opinião, a actividade comercial e de distribuição um dos primeiros motivos que provoca o atravessar da fronteira por parte das populações, é também natural que aquelas actividades procurem uma maior aproximação aos mercados.

Desta forma, é interessante notar que a expansão urbana dos principais núcleos desta área apresentem crescimentos na direcção das respectivas fronteiras.

Actualmente, a procura do consumo apresenta características diferentes da tradicionalmente associada a sociedades modernas. Embora a fronteira esteja ainda nas margem dos padrões de desenvolvimento nacionais, a facilidade de informação e mobilidade leva a que os comportamentos se homogeneizem. O acto do consumo não é apenas o adquirir bens dos quais necessitamos; é essencialmente um acto de lazer, divertimento e convívio, onde cada um se transporta para um universo particular, por vezes tribal, hedonista e pleno de representações sociais e individuais.

Face a esta transformação por parte da procura, o comércio tradicional das áreas centrais tem encontrado alguma dificuldade em concorrer com os novos formatos – Hipermercados, centros comerciais, outlets ... Para tentar ultrapassar as dificuldades de atracção de consumidores, o comércio das áreas centrais tem de se reinventar, para oferecer a quem o procura não a venda de produtos mas, essencialmente, a criação de ambientes e o proporcionar de experiências. No caso do polígono que analisámos, é visível o definhamento do comércio das áreas centrais. Os novos formatos comerciais apresentam não apenas preços mais competitivos, como também ambientes mais de acordo com os consumos actuais. Nos casos de Portalegre e Elvas, o comércio a retalho apresenta um panorama de decadência e desactualização que não o torna atractivo. Badajoz, no entanto, conseguiu resistir à nova centralidade, provocada pela loja do El Corte Inglés, recorrendo a uma actualização das suas formas de comércio e apostando em marcas franchisadas, com forte representação social, em diferentes classes etárias. É certo que o antigo núcleo de comércio entrou em decadência, mas, ainda no casco antigo, novas ruas foram invadidas por marcas e formatos comerciais de acordo com o imaginário dos consumidores. Para além deste facto, a carga demográfica de Badajoz (mais de 151000 habitantes) oferece um mercado potencial que pode suportar este tipo de comércio.

Se observarmos as plantas, principalmente de Elvas e Badajoz, verificamos que a expansão de novas áreas comerciais, com novos formatos de vendas se fez em direcção à fronteira.

Mapa 6 - Elvas - Nova área de expansão comercial



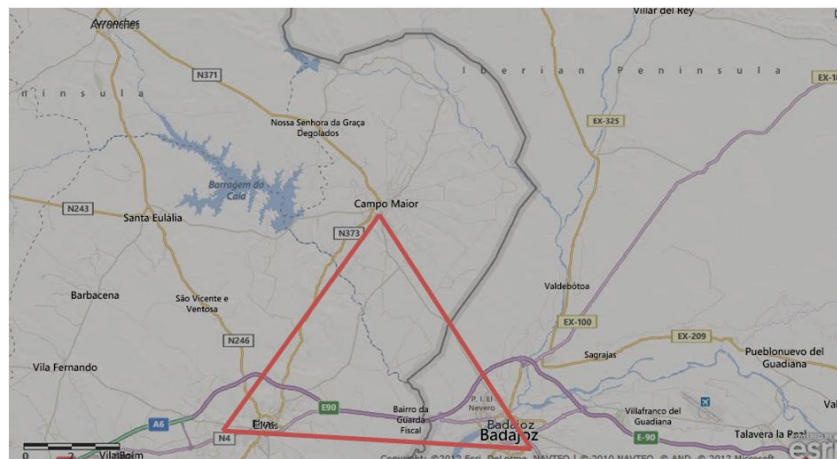
Desta forma, temos um quase contínuo urbanizado entre Elvas/Badajoz, baseado no comércio.

Mapa 7 - Badajoz - Novas áreas de expansão comercial



Badajoz apresenta ainda outra tendência de crescimento das suas áreas, em direcção a Campo Maior, ficando os núcleos urbanos portugueses francamente abrangidos pela área de influência da cidade espanhola. A noroeste da cidade, na estrada que conduz a Campo Maior, está a nascer, no Polígono Industrial El Nevero, uma área que apresenta um mix de comércio grossista, hipermercados especializados, serviços e indústria. Estão previstas para o polígono a instalação de grandes superfícies do IKEA, MediaMarket; Norauto, Leroy Merlin, Decathlon, entre outras.

Na saída sudoeste, perto do antigo posto fronteiriço do Caia, nasceu um centro comercial, El Faro, que apresenta grande diversidade de marcas internacionais e espanholas, com uma variedade, diversidade e qualidade que é raro encontrar perto da fronteira, não tendo concorrência do lado português num raio de mais de 100 km por estrada. Para além destes núcleos comerciais, a cidade ainda possui dois hipermercados Carrefour e uma unidade da Loja Toy'r'Us.



No caso de Portalegre, o fenómeno da expansão não é tão visível, muito provavelmente, pela carga demográfica dos núcleos urbanos espanhóis mais próximos e da própria cidade, que comanda a área norte deste troço, ser relativamente baixa e estarem situados a alguma distância da fronteira e desta cidade. No entanto, a principal área de concentração de unidades de distribuição e da realização do mercado mensal, encontram-se na Av. da Extremadura Espanhola, ou seja na estrada de acesso a Elvas e Campo Maior.

O que podemos daqui concluir é que a aproximação das populações e a intensidade dos fluxos humanos que atravessam a fronteira são, em grande parte provocados pelo comércio e distribuição. A expansão das cidades, em direcções convergentes e a frequência das deslocações, levam a que se crie, na raia, um modo de vida onde, embora saibamos que a barreira existe e separa realidades culturais diferentes, a permeabilidade conduz a uma área de vivências integradas, criando uma identidade regional específica.

## Notas

- (1) SIDAWAY, J (2002); Signifying Boundaries: Detours around the Portuguese-Spanish (Algarve/Alentejo-Andalucía) Borderlands; Geopolitics, 1557-3028, Volume 7, Issue 1, Pag. 139
- (2) (3) PINTADO, Antº, BARRENECHEA, Eduardo (1972); “A raia de Portugal. A fronteira do subdesenvolvimento”, Afrontamento, Porto
- (4) (5) MEDEIROS, Eduardo (2007); “16 anos de cooperação transfronteiriça no âmbito do INTERREG-A”; Actas do III congresso de estudos rurais, UAlg, Faro
- (6) “ESQUEMA DE DESENVOLVIMENTO DO ESPAÇO COMUNITÁRIO” (1999); Comunidades Europeias, Luxemburgo
- (7) “Movimentos pendulares e organização do território fronteiriço: Portugal 2001”, Revista de Estudos Demográficos, Nº 34, 2004, INE, Lisboa
- (8) PINTOR, José Manuel Pérez (2011); Dimensión y tipología de las relaciones transfronterizas en la frontera hispano-lusa (Extremadura-Alentejo-Región Centro); UNEX, Cáceres
- (9) CUNHA, Luís (2006); Dinâmicas e procesos de transformação económica: do contrabando à indústria do café em Campo Maior; Etnográfica, Vol.X (2), pp. 251-262

## Bibliografia

ALISEDA, Julián Mora (2002); “Frontera e vertebración transfronteriza”; Fundicotex e Universidad de Extremadura; Cáceres

AMANTE, M (“2007); “Fronteira e identidade: construção e representação identitárias na raia luso-espanhola”; UTL/ISCSP, Lisboa

BARATA SALGUEIRO, Teresa; CACHINHO, Herculano (2002); “Comércio, consumo e (re)produção do espaço urbano”; Apontamentos de Geografia; Centro de Estudos Geográficos, Lisboa

CACHINHO, Herculano (2006); “*Consumactor*: da condição do indivíduo na cidade pós-moderna”; Finisterra, XLI, 81.; C.E.G. Lisboa

CAVACO, Carminda (coord.) (1995); “As regiões de fronteira. Inovação e desenvolvimento na perspectiva do mercado único europeu”; CEG, UL; Lisboa

CUNHA, Luís (2006); Dinâmicas e processos de transformação económica: do contrabando à indústria do café em Campo Maior; Etnográfica, Vol.X (2), Lisboa, pp. 251-262

HOUTOM, Henk van; KRAMSCH, Olivier; ZIERHOFER, Wolfgang (2005); “B/ordering space”, Ashgate, Inglaterra

MEDEIROS, Eduardo (2007); “16 anos de cooperação transfronteiriça no âmbito do INTERREG-A”; Actas do III congresso de estudos rurais, UAlg, Faro

“MOVIMENTOS PENDULARES E ORGANIZAÇÃO DO TERRITÓRIO FRONTEIRIÇO: PORTUGAL 2001”, Revista de Estudos Demográficos, Nº 34, 2004, INE, Lisboa

ODGERS (2001); Citado por J.M. Malheiros (2010), Documento policopiado distribuído no âmbito do seminário de Cidades de Fronteira; Mestrado em População, Sociedade e Território; IGOT, Lisboa

PINTOR, José Manuel Pérez (2011); Dimensión y tipología de las relaciones transfronterizas en la frontera hispano-lusa (Extremadura-Alentejo-Región Centro); UNEX, Cáceres

PINTADO, Ant<sup>a</sup>, BARRENECHEA, Eduardo (1972); “A raia de Portugal. A fronteira do subdesenvolvimento”, Afrontamento, Porto

PIRES, Iva Miranda; PIMENTEL, Dulce (2004); “Revisitando a região transfronteiriça ibérica: potencialidades e estrangulamentos nos novos contextos de integração ibérica”; in “V Congresso da Geografia Portuguesa. Portugal: territórios e protagonistas”; Ass. Portuguesa de Geógrafos, Lisboa

SIDAWAY, J (2002); Signifying Boundaries: Detours around the Portuguese-Spanish (Algarve/Alentejo-Andalucía) Borderlands; *Geopolitics*, 1557-3028, Volume 7, Issue 1

VIKTOROVA, Jevgenia (2003); Bridging identity and alterity: an apologia for boundaries”; pag.143, in “Routing borders between territories, discourses and practices”, citando Lotman (1992); Ashgate, Inglaterra

### **Notas sobre o autor**

Miguel Castro

[miguel.sardica@gmail.com](mailto:miguel.sardica@gmail.com)

Escola Superior de Educação de Portalegre

Licenciado em Geografia e Mestre em Geografia Humana – Estudos Urbanos pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

Doutorando em Geografia Humana, no Instituto de Geografia e Ordenamento do Território da Universidade de Lisboa.